



Ano 2 | # 1 | edição bimestral | janeiro e fevereiro de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

A arte da reportagem no livro “O Olho da Rua”, de Eliane Brum

BRUM, Eliane. **O Olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008. 422 p.

ISBN: 978-85-250-4589-8

"Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade". Eliane Brum

Maria Angela Pavan¹

Fica mais fácil entender o lado humano de uma reportagem e o ofício da entrevista a partir da leitura do livro “O Olho da Rua”, de Eliane Brum. A jornalista escreve sobre o cotidiano das pessoas que não têm voz na grande mídia. Ao ler suas reportagens, percebe-se o destaque no relato no que diz respeito à vida de pessoas comuns, sem espaço na arquibancada da vida. A partir do seu olhar e da seleção de suas palavras, essas pessoas ocupam o camarote.

O livro pode ser utilizado por qualquer profissional ou estudante da área da comunicação. No curso de Relações Públicas, por exemplo, os graduandos precisam aprender a ouvir os diversos públicos. Na Propaganda e Publicidade, é de suma importância desenvolver a entrevista qualitativa para compreender o que é melhor para o público. Para o radialista, como um profissional da transmissão de informação, é muito importante estar em contato direto com os diversos espaços na sociedade. O estudante de Jornalismo, ao ler o livro, poderá aprender sobre a arte de realizar entrevistas com delicadeza.

Excelente jornalista, Eliane Brum mostra-nos os erros e acertos que ocorreram no processo de construção de cada reportagem. Como um *making of*, fala de suas inquietações na prática de repórter.

¹ Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Participa da Base de Pesquisa Comídia (Comunicação, Cultura e Mídia), da UFRN, na área de "Mídia e Memória". Membro do Grupo/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem Publicitária (Nielp), da ECA/USP.

Caco Barcellos elabora o prefácio e de imediato diz que foi tomado pela emoção do começo ao fim. Comenta também sobre como a autora tem rigor no momento da pesquisa e na observação do cotidiano.

Para conseguir entrar no mundo das pessoas, Eliane Brum nos diz que antes mesmo de saber entrevistar, os profissionais precisam saber ouvir. E reitera nos convidando ao exercício da escuta e do ouvir:

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir (2008, p.11).

Este livro apresenta dez entrevistas realizadas em seu trabalho de repórter na revista *Época*, de 2003 a 2007. Quando se lêem as matérias e a descrição dos entrevistados, conseguimos descortinar as teias dos acontecimentos do cotidiano. Dentre as dez reportagens apresentadas, são abordados temas como “A floresta das parteiras”, onde nos enlaça na maneira de escrever um convite a sentir cada poro dessas senhoras da floresta que se autodenominam madrinhas da “pegação”. Nas palavras de Brum, “são mulheres que conjugam os verbos no plural, abusam dos pronomes coletivos. Na lógica de suas vidas o eu é estrangeiro e não detém de privilégios”. “A guerra do fim do mundo”, sobre Roraima, trata de um lugar onde a jornalista diz que se perdeu e se encontrou. “A casa de velhos” conta a história de um lar de idosos do Rio de Janeiro e nos convida a adentrar a vida de cada entrevistado.

E há muito mais. Trata-se, enfim, de um exercício de reportagem e de humanidade. Eliane adentra cada lugar como único – como se fosse sempre a primeira vez a realizar a entrevista. E nos dá também um exercício de humildade, quando se apresenta no início do livro e diz: “Quando acho que sei um pouco, eu mesmo me desmascaro e escapo de mim”.

Se conseguíssemos nos formar como profissionais desta maneira, talvez a função de jornalista estivesse resolvida. Principalmente quando o jornalista exerce a função de professor.

O livro começa a chamar atenção pelo título: “O Olho da Rua”. A capa exhibe um grafite de um olho num muro branco. A obra tem um volume significativo de 422 páginas, mas ao lê-la, desejamos mais. É importante ressaltar que cada reportagem tem um repórter fotográfico que consegue transmitir cada palavra em imagem como um diamante lapidado. Entramos nos olhares, nas mãos e no mundo dessas pessoas relatadas por Eliane Brum. É um livro cativante em toda sua essência, como ela mesma diz: “Tenho a esperança de que elas possam transformar um pouquinho o jeito de olhar do leitor. Ou pelo menos dar a ele alguma coisa que possa permanecer após a leitura.”

O “Olho da Rua” é muito mais que um livro de entrevistas. Eliane Brum nos coloca perto dos acontecimentos e escreve como uma jornalista literária com a capacidade de observação de uma antropóloga. Com este exercício, brinda-nos com histórias surpreendentes, cheias de simplicidade e realidade. Ela nos confirma que a vida pulsa na rua. Reafirma o legado de Gay Talese, quando em seu livro, “Fama e Anonimato”, convida-nos a sujar os sapatos.

Hoje com as redações dependendo exclusivamente das novas tecnologias de informação, Eliana Brum nos convida não a gastar e sujar os sapatos, mas a lambuzarmo-nos da lama da rua.

Ela nos brinda com palavras emoldurando as reportagens dentro do coração e nos mostra quando sente a temperatura do lugar nos poros dos acontecimentos. Na apresentação do livro, diz que está em eterna construção de si mesma como repórter e como pessoa. Recordar de cada reportagem realizada por Eliane Brum poderá nos ajudar quando realizarmos nossas próprias entrevistas. E que nossos ouvidos aprendam a ouvir verdadeiramente o ritmo da vida: “Escutar é mais que ouvir. Escutar é abarcar a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras – e do silêncio”, diz a jornalista.